



Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

Reinaldo de Freitas é proprietário da Berlin Discos

porque acreditavam que o novo formato representava o futuro da música. Depois, a facilidade de copiar e baixar conteúdos teria contribuído para uma nova busca por algo mais pessoal.

“É uma coisa mais pessoal, o vinil”, afirma. Na Berlin, o público também se diversificou. Se antes o mercado era dominado por colecionadores que procuravam completar acervos, hoje os jovens também chegam às lojas em busca de discos de artistas que descobriram por outros caminhos. Para o comerciante, o sebo ajuda a manter essa diversidade porque recebe públicos interessados em gêneros variados, da MPB ao rock, passando por jazz e blues.

A paixão de quem vende

Na Funhouse Discos, a trajetória também começou pela coleção pessoal. Luis Moreira, 57, conta que manteve parte dos discos quando a chegada do CD levou muita gente a se desfazer dos vinis. Em 2016, reuniu discos, CDs e equipamentos e abriu o estabelecimento, depois de 25 anos à frente de uma loja de skate em Brasília. O comércio de música nasceu, portanto, tanto de uma necessidade quanto de uma paixão antiga.

Para Moreira, o mercado atual reúne duas gerações. De um lado, estão as pessoas que viveram o período em que o vinil era a principal forma de ouvir música e voltaram a procurá-lo. De outro, estão os jovens que nunca tiveram contato com o formato e passaram a descobrir o objeto justamente em uma época dominada pelas plataformas digitais. “Tem uma redescoberta por quem utilizou”, afirma.

de tecnologia, trocou boa parte deles por CDs e hoje mantém cerca de 500 a 600 vinis em casa.

Entre os exemplares que permaneceram estão coleções de Miles Davis e Charles Mingus, além de discos de blues e reggae. Para Reinaldo, o retorno do vinil também tem relação com a saturação provocada por outras tecnologias. Durante a popularização do CD, muitas pessoas se desfizeram dos próprios discos

O comerciante vê no colecionismo uma das forças desse movimento. O rock continua entre os gêneros mais procurados, enquanto a MPB também ocupa espaço importante nas prateleiras. Na loja, o repertório passa por nomes como Luiz Melodia, Marcos Valle, João Gilberto, Tom Jobim, New Order, Madonna, Sepultura, Nirvana e Beatles. Para Moreira, porém, a diferença fundamental está menos no artista escolhido e mais na maneira como a música é ouvida.

“Escutar e ouvir músicas são duas coisas diferentes”, afirma. A primeira pode acontecer pelo celular, enquanto a pessoa trabalha, conversa ou realiza outras tarefas. A segunda exige atenção. É preciso colocar o disco no toca-discos, acompanhar um lado, levantar a agulha e virar o LP para continuar. O ritual inclui, ainda, a capa, os encartes, as letras e as imagens que acompanham a obra. É uma experiência que, para o comerciante, não pode ser reproduzida integralmente por uma plataforma de streaming.

O disco como experiência

Para o músico e professor Luís Porto, a procura pelo vinil entre os jovens também está relacionada à descoberta de elementos que o streaming não coloca necessariamente no centro da experiência. A contracapa, o encarte, as letras, os créditos e a identidade visual ajudam a apresentar o álbum como uma obra completa, pensada para ser ouvida em determinada sequência.

Ele também chama atenção para a possibilidade de ouvir música sem a tela do celular por perto, reduzindo as distrações que acompanham o consumo digital. No aspecto sonoro, Porto observa que o vinil costuma ser percebido como mais “quente”, embora o CD possa apresentar maior fidelidade. Para ele, a discussão não precisa se resumir a qual formato tem o melhor som, mas ao conjunto da experiência proporcionada pelo disco.

No vinil, a dificuldade de pular faixas também favorece a escuta do álbum em sequência. “Você acaba se ambientando com o som da artista, da banda, do estúdio, do produtor, mix e master”, explica. A ordem das músicas deixa de ser apenas uma sugestão da plataforma e passa a fazer parte da própria experiência da obra.

A mídia física ainda oferece uma espécie de permanência que as plataformas digitais não garantem. Álbuns podem sair dos serviços de streaming por questões de direitos autorais, enquanto um disco bem conservado continua disponível para o proprietário. O formato também permite que obras antigas sejam preservadas por meio da digitalização, criando uma ponte entre o acervo físico e a circulação on-line.

A experiência também pode ser coletiva. Uma visita a uma loja, uma conversa com o vendedor ou uma audição entre amigos é capaz de apresentar um artista que o algoritmo jamais colocaria no caminho daquele ouvinte. “Ouvir um disco de vinil com os amigos, ou botar um disco para tocar numa loja e conversar sobre ele com o vendedor, é um passo para retomar essa direção”, afirma Porto.



Luis Moreira está à frente da Funhouse Discos